

NEY SILVA

CONTOS,
VIGARICES
E OUTRAS
HISTÓRIAS

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

**CONTOS,
VIGARICES
E OUTRAS
HISTÓRIAS**

NEY SILVA

**CONTOS,
VIGARICES
E OUTRAS
HISTÓRIAS**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Ney Silva

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: feita pelo autor
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – janeiro de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Ney
Contos, vigarices e outras histórias / Ney Silva. --
São Paulo: Recanto das Letras, 2021.
128 p.

ISBN: 978-65-86751-48-2

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras I. Título

20-4360

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

À minha mulher, meus filhos e netos, minhas razões de viver

SUMÁRIO

Prefácio	9
----------------	---

MEUS CONTOS

O epicurista do sertão	13
A doação	26
Sorte é prá quem tem	37
O advogado diligente	44
O professor Pacheco	48
O professor Pacheco – II	60

CONTOS DO VIGÁRIO E OUTRAS VIGARICES

O chinês da pastelaria	70
O português da rodoviária	73
O buick azul	77
O encantador de viúvas	85
O quadro	91
O cavalo do Califa	97

HISTÓRIAS DE PORTUGAL

Introdução	101
Em Beja	103
O quadro de horário	105

No hotel	107
Na livraria	109
O motorista, guia turístico	111
O despertador	115
O alentejano em Lisboa	117
A caixa	120
O motorista do taxi	124

PREFÁCIO

Numa dessas noites de insônia, liguei a TV e comecei a procurar alguma coisa que me fizesse dormir; fui mudando os canais até parar em um que exibia um documentário produzido pela BBC sobre a vida de uma comunidade de chipanzés no Senegal. Se eu estava insone, fiquei ainda mais quando comecei a prestar atenção ao que o monótono narrador, com aquele acento bem britânico, foi mostrando. A vida daqueles primatas mexeu comigo e um trecho da narrativa que mostrava o declínio de um velho chipanzé e sua relação com o resto da tribo. Dizia o narrador que, quando um chipanzé atinge um estágio em que não pode mais disputar as fêmeas, ele é afastado do grupo de machos dominantes e se agrega a outro grupo, composto de fêmeas e chipanzés jovens. Os chipanzés jovens não se interessam nem um pouco em desfrutar de sua experiência e preferem observar o grupo de machos adultos e suas peripécias; as fêmeas nem percebem sua presença e se preocupam apenas em cuidar dos mais jovens e também observar os machos, a fim de escolher quem será seu futuro parceiro. Só resta ao idoso chipanzé esperar a morte.

Aí a insônia se instalou de vez. Comecei a pensar em mim próprio. Qual o legado que deixarei para as futuras gerações? O que meus descendentes saberão de mim? Provavelmente, duas

ou três gerações à frente ninguém lembrará do que fui do que fiz. É o cruel ciclo da vida! No auge da insônia, me lembrei da frase do poeta cubano, José Martí (Guantanamo!), que dizia que o homem, para marcar sua passagem pela Terra, precisa fazer um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. Comecei então a regredir no tempo e a pensar nos três legados.

Filhos, deixo 4, compartilhados com minha primeira mulher, dos quais tenho muito orgulho e que vão espalhando meus genes por aí; Mais 2, trazidos pela minha atual mulher e é como se fossem meus também.

Árvores, plantei muitas pela vida afora. Fui um dos fundadores da ONG Instituto Corredor da Costa dos Coqueiros, que tinha como meta a recomposição da mata atlântica na região nordeste da Bahia, onde pude, pessoalmente, plantar algumas espécies nativas, não como trabalho, mas como homenagem em várias solenidades de início de plantios; a ONG se transformou no Instituto Fábrica de Florestas, da qual também compus sua primeira diretoria. O IFF alcançou dimensão nacional, saiu “fabricando” florestas pelo Brasil afora, com mais de 2 milhões de árvores plantadas.

Livro, fiquei devendo. Embora minha primeira vocação tenha sido o jornalismo, me perdi pelos caminhos e fui parar na área financeira, onde trabalhei por muitas décadas. O conto “O Epicurista do Sertão”, que poderá ser lido neste livro tem muito de autobiográfico e falo um pouco de meu começo e as primeiras “tecladas” na máquina de escrever.

Escrever um livro era um de meus objetivos, sempre postergado. Hoje vejo um livro como um objeto em extinção. Os novos meios de expressão, internet e afins, certamente aposentarão o papel impresso. Os filhos de meus netos o verão como uma coisa arcaica. Da mesma forma, a linguagem já não será compreendida como a expressamos hoje. Basta olharmos uns poucos diálogos entre jovens nos sites de bate papo e veremos uma outra língua emergindo. Mas minha amada mulher ganhou este *round* na nossa luta intermitente: rompeu, com sua insistência, minha resistência e aqui estou organizando esta edição, única, pois não quero cansar os que se dispuserem ler algo escrito por mim. Não tenho pretensões de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Talvez para a Academia de Letras de Camaçari. Tenho consciência de minhas limitações literatas.

Ao longo da vida, nunca parei de escrever. Fiz algumas incursões na mídia, escrevi alguma coisa, mas nada que pudesse me fazer viver do meu texto. Mesmo no mundo financeiro, pude redigir relatórios - modéstia à parte - objetivos, concisos e claros, que muito me ajudaram a galgar posições na minha vida profissional. Mas faltava um livro, que é o que tento construir aqui.

Junto numa mesma edição alguns contos - uns novos, outros reescritos - histórias de Portugal - vividas por mim ou relatadas por amigos, todas verdadeiras - e alguns contos do vigário e outras espertezas.

O conto do vigário sempre me fascinou por sua engenhosidade e frieza; outras espertezas, bem engendradas, também me seduziram. Relato aqui algumas histórias. Sobre os portugueses, povo que eu realmente admiro, vejo mais como um gesto de carinho do que como gozação. Nos contos, com algum viés autobiográfico, tento mostrar se tenho algum talento literário.

Não me preocupei em narrar as histórias, algumas absolutamente verdadeiras, de forma direta e crua; preferi caminhar com os personagens em lugares importantes para mim e adicionar algumas pitadas pessoais. Assim é que aproveitei para mostrar um pouco da história e geografia de São Paulo dos anos 60 a 80, numa homenagem à cidade que me acolheu e me preparou para a vida. Da mesma forma passei por Lisboa, realçando minha simpatia pela cidade e pelos portugueses. Em alguns personagens homenageei amigos, colocando seus nomes neles. Perdoem-me.

Vamos aos textos. Peço desculpas ao leitor se estas “mal traçadas linhas”, como diziam os mais antigos, não lhe causarem nenhuma emoção.

Por fim, ainda penso no velho chipanzé!

MEUS CONTOS

O EPICURISTA DO SERTÃO

INTRODUÇÃO – OS PERSONAGENS

Para contextualizar a narrativa que pretendo fazer, informo que o caso que vou contar aconteceu em meados dos anos 60. O protagonista maior é o Zé Severino mas vou apresentar-lhes também alguns outros personagens que fazem parte dessa história, mas que não têm muita importância não.

O primeiro personagem sou eu próprio, menino deslumbrado com a possibilidade de realizar o sonho de ser jornalista, fui levado para São Paulo onde tinha um tio que trabalhava num grande jornal local. Aos 15 anos eu recebia muitos elogios sobre a qualidade de meus textos. Minha professora de Português era minha grande incentivadora e sempre que surgia uma oportunidade me fazia corar lendo alguma coisa que eu tinha escrito. “Seu estilo é jornalístico!”, repetia sempre. Daí, a convencer o meu tio a me levar para São Paulo para tentar fazer alguma coisa no jornal foi um pulo. Ele não tinha nada a ver com a redação

– era responsável pelo suprimento de papel jornal – mas tinha vários amigos editores. Um deles era o editor do caderno 2, onde o jornal reunia toda a matéria não noticiosa e tinha mais cara de revista. Fomos à redação e após 15 minutos de conversa e de ler alguma coisa que eu tinha levado comigo, ele me entregou uma sinopse do filme “Oito e Meio” de Fellini e ordenou: “Faça um resumo de meia lauda a partir desta sinopse”. Tremi, quando ele me apresentou a uma máquina de escrever Underwood, me deu uma lauda numerada de 1 a 20, onde cada número correspondia a uma linha, e acrescentou: “leia, pense e explique ao leitor do que se trata a história”. Já em pânico olhei para a máquina e pensei em como utilizar aquela coisa que nunca tinha visto de perto. Olhei para os lados onde o pessoal da redação escrevia numa velocidade inimaginável, mas meu interesse maior era ver como colocar o papel. Coloquei-o e, catando milho, ensaiei algumas palavras, sofrendo para ver como se acentuava. Li. Não entendi porra nenhuma. Reli. E mesmo sem entender a história fui pinçando partes do texto, escrevendo com palavras diferentes, e construindo minha obra-prima. Meu tio me abandonou e me deixou sozinho naquela selva. Uma hora e meia depois meu resumo estava pronto. O editor leu rapidamente e me disse: “você começa amanhã!” E assim comecei minha vida profissional. Naqueles tempos não se exigia diplomas nem idade mínima para isso. As relações

de trabalho eram bem mais amenas para os empregadores e eu só fui descobrir que tinha direito a um salário seis meses depois quando meu tio me perguntou: “quanto eles estão te pagando?” e eu respondi surpreso: “eu ainda tenho direito de receber por fazer alguma coisa que eu adoro?”. Dia seguinte chegamos juntos ao jornal e ele, me puxando pelo braço, foi até o departamento pessoal e fez aquele escândalo. Rapidamente me levaram a um posto do Ministério do Trabalho onde tirei a minha Carteira de Trabalho do Menor. Estava começando uma carreira, devidamente registrado e remunerado.

Outro personagem desta história é o Samuel, bacharel em direito que preferiu seguir a carreira jornalística ao invés de exercer a advocacia com toda a sua chatices. Samuel era um intelectual, ateu, comunista radical, poeta nas horas vagas e um repórter qualificado para cobrir eventos importantes. Iconoclasta até a alma, tinha ascendência judaica e vivia às turras com a família que impunha a necessidade dele se casar com uma judia. Vivia repetindo: “quer conhecer o inferno? Case com uma judia!”. Cruzei pela primeira vez com o Samuel em uma reunião clandestina do Partido Comunista em fins de 1964, numa sala mal iluminada nas dependências do jornal, onde todos os presentes fumavam desbragadamente, o que mantinha o ar quase irrespirável e aquela atmosfera conspiratória. Conspirávamos contra

o golpe militar e naquele momento o partido decidira apoiar a candidatura do Brigadeiro Fábio Limeira à Prefeitura de São Paulo. Os generais de plantão tinham outro candidato. Nos dias de conspiração, aproveitávamos os finais de noite e dávamos uma esticada até o Unicórnio, o principal puteiro de São Paulo, onde ficamos amigos da Maura, uma respeitada cafetina e dona do estabelecimento. Samuel não fez carreira no jornalismo nem na literatura. Ingressou na luta armada contra os militares e terminou exilado na Europa depois de ser caçado pelo Exército em todo o país e cassado politicamente pelo AI-5. Pena! Poderia ter sido um grande jornalista ou um poeta respeitado. Até hoje guardo uns versos escritos por ele em papel de maço de cigarro, onde ele homenageava uma das meninas do Unicórnio que diz muito de seu caráter, onde se lê:

“Prostituta! Santa tu és,
Não ficas inerte na redoma
Sabes trocar a frieza do altar
Pela maciez da cama”

O terceiro personagem é o Marcos. Não tem grande importância na história, mas foi o cara que de alguma forma tornou possível o desfecho que o leitor lerá. Marcos era radialista em Piraçai e dividia seu tempo como correspondente do jornal na região.

O último e mais importante personagem é o José Severino. Nascido no sertão da Paraíba, perto de Catolé do Rocha, migrou para São Paulo aos 18 anos, fugindo da seca e da miséria. Com muito sacrifício, esforço e trabalho conseguiu completar o ginásio, com direito à solenidade de formatura no salão paroquial da igreja da Vila Tereza, bairro onde morava com a mãe e duas irmãs; logo em seguida obteve sua carteira de motorista profissional.

Por fim, para compor a moldura da história, preciso falar de Epicuro. Filósofo grego (sec. IV a.C.) foi o criador de uma doutrina em que a busca do prazer é o sentido da vida; cultivar as amizades e ignorar a morte. Um pouco diferente do Hedonismo, onde os prazeres sexuais se sobrepõem. Podemos definir um epicurista como uma pessoa voltada aos prazeres da vida, em alto nível, como sexo e comidas refinadas e amigo de seus amigos.

Composto o elenco, levo o leitor a história que quero contar. No decorrer da narrativa surgirão outros personagens que não me darei ao trabalho de entrar nos detalhes.

OS MOVIMENTOS PREGRESSOS – OS FATOS

Numa manhã de sexta-feira chega à mesa do chefe de reportagem do jornal um telex do correspondente em Piraçai relatando um duplo homicídio ocorrido na noite anterior em sua cidade.

Dizia que a filha do prefeito e seu amante teriam sido assassinados em um quarto de hotel na cidade vizinha. O principal suspeito era o marido e que estava foragido. A cidade vivia um clima de tristeza pois tanto a filha do prefeito quanto ele próprio eram pessoas muito queridas. Cidão, o chefe da reportagem, chamou o Samuel e com a experiência de mais de 30 anos, de foca à editor, explicou: “temos aqui uma matéria que pode render uma bela reportagem; quero que você vá pra Piraí e volte domingo com o assunto completamente dissecado; entreviste todos que se relacionavam com a esposa, invada sua vida conjugal até onde der, fale com pessoas que possam dar informações sobre a motivação do assassino; não esqueça nem os colegas de escola; já pautei pra segunda-feira e vou lhe dar uma página inteira; leve alguém com você pois acho que o nosso homem lá não vai ter muito a lhe ajudar; peça um carro e motorista pra ficar lá com você. Feito?”

O Samuel foi até a saleta onde ficavam os focas, me chamou de lado, contou a história que tinha ouvido e propôs: “quer ir comigo? a gente volta domingo”; Titubeei um pouco pois tinha uma programação muito interessante para o final de semana mas resolvi acompanhar meu amigo. Ligamos para o Setor de Transportes e o Samuel pediu o carro. Alguns minutos depois o solícito colega retornou a ligação: ”peguem o 108; o motorista é o Zé Severino e ele já está lá”.

Ao longo da vida, colecionei histórias para contar aos amigos e parentes. Neste livro, reuni aquelas que considero boas representações do ponto de vista sob o qual encaro a vida. Incluí também alguns contos que foram escritos em momentos bem diferentes e que têm como cenário o cotidiano brasileiro. Ademais, juntei histórias de portugueses, povo pelo qual tenho enorme admiração devido ao seu passado e suas conquistas. Finalmente, reproduzo algumas vigarices, cujos autores sempre me provocaram com sua esperteza, somadas à ingenuidade e à ganância das vítimas.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

